

Problema do governo: cobrar esta dívida.

O Ministério da Fazenda está coordenando um grupo de trabalho integrado por representantes do Banco Central, Cacex e Itamaraty que analisa a questão da dívida dos países do Terceiro Mundo com o Brasil.

A grande preocupação é que esses países estão sem condições de pagar sua dívida. Por isso, o governo brasileiro procura uma forma de negociação para superar as dificuldades. Estão sendo examinadas possibilidades tanto financeiras quanto comerciais para concretizar o pagamento das dívidas.

A informação foi dada, ontem no Itamaraty, pelo embaixador Rubens Antônio Barbosa, chefe de Gabinete do ministro Olavo Setúbal.

Ele explicou que existe muito interesse em encontrar uma fórmu-

la para o pagamento dos débitos, mas não soube precisar o montante e quais os países que estão sendo analisados pelo grupo de trabalho.

Um técnico do Banco Central disse que não existe nada de extraordinário em estudar formas de pagamento que beneficiem tanto o devedor quanto o credor. Além disso, atualmente, pela difícil conjuntura econômica mundial, qualquer operação comercial é um risco. A presença do Itamaraty no grupo de trabalho é explicada pelo aspecto político que envolve a questão, pois o Brasil, como devedor, sabe que não adianta pressionar, se não existem recursos. Outras formas devem ser encontradas.

O problema da dívida do Terceiro Mundo com o Brasil está sendo discutido não somente no Itamaraty, mas é tema de gestões sigi-

losas também na Cacex e no Banco Central. Os créditos comerciais que o Brasil concedeu a diversos países, principalmente da África e da América Latina, têm poucas chances de ser resgatados, na opinião de técnicos e empresários. O volume do passivo comercial daquelas nações com o País, devido a financiamentos de exportações brasileiras, atingiria, segundo cálculos conservadores, cerca de US\$ 3 bilhões, dos quais US\$ 500 milhões seriam em créditos já vencidos e não pagos e os restantes US\$ 2,5 bilhões em créditos a vencer nos próximos seis anos.

Os maiores interessados em ver o problema solucionado são as empreiteiras, que continuam ansiosas por exportar serviços para países do Terceiro Mundo, apesar dos riscos implícitos nessas operações.